**Capítulo 2 – Masuke VS Drakom**

O céu se contorcia em nuvens negras, como se a própria natureza pressentisse a batalha que estava prestes a se desenrolar.

Relâmpagos riscavam o firmamento, banhando a terra em clarões fantasmagóricos.

No centro de um antigo campo de batalha, agora tomado por cinzas e ecos esquecidos, dois poderes colossais se encaravam.

Do meio do nevoeiro que rastejava pelo solo, Drakom, o espírito ancestral dos dragões, emergiu como uma tempestade viva.

Seu corpo era uma fusão de chamas douradas e escamas de obsidiana, e sua voz ecoava com a força de mil trovões.

Magro, definido, olhos amarelos com pupilas de dragão. Escamas de dragões vermelhas dos ombros até os antebraços. Unhas e dentes levemente afiados. Sem camisa, calça e sapatos pretos.

*— Toma isso!!* — bradou o espírito, lançando uma rajada de energia flamejante que rasgou o chão como uma língua de destruição.

Masuke recuou um passo, os olhos arregalados. Seu manto tremulava com o impacto da energia. Por um instante, o tempo pareceu desacelerar.

*— Droga... quem é você?* — murmurou, cerrando os punhos, o olhar fixo na criatura que surgia diante dele como um pesadelo primordial.

Mas não havia tempo para medo. Em seu peito, uma chama se acendeu — não a do pavor, mas a da fúria contida, da determinação forjada em dor. Ele fechou os olhos por um segundo. Quando os abriu novamente, um brilho sombrio percorreu suas írises, como se estrelas mortas se acendessem em sua alma.

Com um grito gutural, Masuke ativou seu poder oculto. Veios de energia negra percorreram seus braços, e o chão sob seus pés se partiu em linhas incandescentes.

*— Se é destruição que você quer... vai tê-la. Mas nos meus termos.*

Drakom sorriu — ou o mais próximo disso que uma entidade ancestral poderia fazer. As asas de energia se abriram com um estalo seco, lançando ventos cortantes por todo o campo.

Então o mundo explodiu em movimento.

Masuke avançou como um relâmpago sombrio, desviando da rajada flamejante no último segundo. Seus golpes eram rápidos, precisos, quase invisíveis. Cada choque entre os dois fazia o ar vibrar como vidro prestes a se partir.

Mas Drakom não era um inimigo comum. Ele não sangrava. Ele rugia. E a cada rugido, o passado parecia gritar junto — memórias de guerras esquecidas, de reinos em ruínas e promessas de vingança nunca cumpridas.

Masuke sentia a pressão esmagadora tentando derrubá-lo.

Mas ele não cederia.

Porque havia algo que nem mesmo um espírito ancestral podia compreender: a força de um juramento humano. Um juramento feito sob dor. Sob perda. Sob a certeza de que a luta não era só por ele — era por todos que já caíram e por aqueles que ainda acreditavam.

E naquele campo amaldiçoado, onde fogo e sombra dançavam em guerra, o verdadeiro confronto apenas começava.

*— Áurea das Trevas...* — murmurou Masuke, e um silêncio opressor caiu sobre o campo de batalha.

O chão ao seu redor escureceu como se a própria luz tivesse sido engolida. A capa preta, marcada com as letras MDAL, ondulava como um véu de trevas vivas. Sua foice mística — forjada pela própria entidade da morte — tilintava em vibração, sedenta por almas.

Mas, antes que ele pudesse se mover...

*— Making!* — anunciou uma voz cortante no ar.

Num piscar de olhos, Drakom desapareceu.

O ar onde ele estivera se dobrou em espirais flamejantes. Masuke girou a cabeça em todas as direções, os olhos apertados, a respiração lenta, calculada.

*— Hã? Onde ele foi?* — rosnou, os dedos firmes no cabo da foice.

Ele sabia: estava sendo caçado.

*— Masurengan...* *onde você está?*

Seus olhos escureceram por completo — duas fendas infinitas de roxo profundo e preto sombrio. O Olho da Morte havia sido ativado.

"*Masurengan... o lendário Olho da Morte, capaz de enxergar aquilo que para outros seria invisível.*"

E então, o mundo mudou.

O tempo pareceu desacelerar. Cada partícula de poeira, cada dobra de sombra, cada pulsação no ar — visível. A energia dracônica de Drakom tremeluzia ao longe, em uma frequência que Masuke agora podia ver claramente. Seu olhar atravessava a matéria.

Ali. Atrás dele.

Masuke girou o corpo e lançou um corte com a foice. Um rastro negro de energia se expandiu, rasgando o ar como uma fenda para o submundo.

Drakom surgiu com um rugido, bloqueando o golpe com os braços cobertos de escamas.

*— Você me viu!?* — disse o espírito dos dragões, os olhos amarelos faiscando. *— Nada mal. Mas eu ainda não estou lutando a sério.*

*— Então lute.* — respondeu Masuke, sua voz como a de um túmulo recém-aberto.

Drakom ergueu os braços, e cinco círculos de invocação surgiram atrás dele como mandalas flamejantes.

*BEAM: Um dragão de eletricidade pura se forma, seus olhos relampejando.*

*MOUNTAIN: Um dragão de rocha e magma, pesado como montanhas.*

*AIRFORCE: Um dragão feito de vento cortante, quase invisível.*

*NIGHT: Um dragão sombrio, feito de pura antimatéria.*

*LIGHT: Um dragão de luz, cujas escamas piscam como estrelas morrendo.*

*— Invocação dos Cinco Céus Dracônicos!*

As criaturas rugiram em uníssono, e o campo foi engolido por uma onda de elementos em caos.

Masuke recuou, concentrando energia em sua mão direita. Faíscas roxas e negras crepitavam como relâmpagos envenenados. A terra tremeu.

*— MASUREN!!*

Ele avançou como uma flecha do abismo, a aura da foice se fundindo com o Masuren em sua mão. A colisão entre a esfera de morte e o dragão de magma causou uma explosão que engoliu metade do campo. Chamas negras e vermelhas se ergueram como muralhas infernais.

Lá em cima, no centro do caos, os olhos de Masuke se acenderam ainda mais.

*— Mr. Morte... me empreste sua presença.*

Um segundo par de olhos se abriu nas costas de Masuke, como uma presença infernal. A própria entidade da morte, envolta em véus escuros, sussurrou algo apenas ele podia ouvir.

E naquele instante, a realidade se partiu.

Drakom piscou... e estava preso.

Ele olhou ao redor e viu... sua própria morte.

Ele via-se diante dele — sua carne derretendo sob o Rugido do Dragão que saiu do controle, sendo partido ao meio por Masuke, sendo consumido por suas próprias invocações.

Morria uma. Duas. Três. Cem vezes.

Preso na Ilusão do Olhar da Morte.

*— O que... é isso?!! —* berrou Drakom, tentando se mover.

Mas sua mente estava presa no looping eterno da morte.

*— Bem-vindo ao Reino da Morte, Drakom.* — disse Masuke. *— Você não está mais na realidade. Está no domínio de Mr. Morte. E ele... não tem pressa.*

O campo de batalha agora era um caos vivo — fendas no chão, colunas de fumaça, energia pulsando em ondas. Mesmo assim, o mundo pareceu parar por um segundo, quando uma presença fria como o aço surgiu às costas de Masuke.

Uma voz firme, carregada de autoridade e ancestralidade, cortou o ar:

*— Meu nome é Drakom, filho de Dragon Slade. Sou o príncipe dos Dragões.*

Masuke girou apenas o olhar, frio, como quem não teme nem deuses. Mas antes que pudesse responder, Drakom atacou com a fúria de um verdadeiro herdeiro dracônico.

*— Toma isso! DRAISON!*

Uma esfera giratória de energia flamejante vermelha se formou na mão de Drakom, emitindo um som grave e ameaçador. Masuke, com reflexos sobre-humanos e sua percepção ampliada pelo Masurengan, agarrou o braço de Drakom antes que a esfera fosse completamente moldada.

*— Tolo...* — disse Masuke, a voz grave como um presságio de morte.

O olhar de Drakom, no entanto, se estreitou em malícia. Ele sorriu de canto, os olhos reptilianos brilhando como fogo em noite escura.

*— Hahahaha... tolo é você! MAKING!*

Num estalo, ele sumiu. O espaço ao redor distorceu como vidro em calor extremo.

*"Making: uma técnica ancestral de teletransporte livre, impossível de prever para olhos comuns."*

Mas o Masurengan não era um olho comum.

Os olhos de Masuke giraram, oscilando em espirais negras e roxas. Ele enxergava tudo — as ondulações no espaço, o resíduo de calor, a dobra oculta na realidade onde Drakom se movia.

*— Você não vai escapar!* — rugiu Masuke, lançando um corte em arco com sua foice mística. A lâmina de energia atravessou o campo como uma guilhotina de trevas.

Drakom reapareceu a poucos metros, interrompendo a fuga. Seu rosto agora estava sério. A brincadeira acabara.

Ergueu os braços, traçando um círculo de luz em torno de si. Símbolos ancestrais surgiram ao redor, dançando no ar como runas vivas.

*— PROTEÇÃO DOS DRAGÕES!*

Um rugido ressoou do céu, e uma luz dourada caiu sobre ele como bênção dos próprios deuses dracônicos.

*"Drakom possuía uma linhagem lendária. Filho do Mestre Supremo da Sociedade dos Dragões, sua classificação era CLASSE-S — um título reservado apenas àqueles que sobreviveram ao Despertar dos Sete Dragões Celestiais. Um adversário que poucos ousariam enfrentar."*

A energia dracônica o envolveu em uma couraça viva de escamas douradas, pulsando como um coração de fogo.

Masuke parou por um instante, observando. O Masurengan analisava tudo: a circulação da energia em Drakom, o padrão rúnico da armadura, os pontos vulneráveis.

E então, ele murmurou.

*— Invocação da Morte.*

O tempo ficou gelado. O ar cessou de se mover. Do chão, uma sombra subiu lentamente... uma figura encapuzada, com olhos vazios e uma foice cosmica negra, ainda mais sombria que a de Masuke.

Mr. Morte havia sido invocado.

Drakom arregalou os olhos. O chão ao seu redor rachou em círculos concêntricos, como se a realidade começasse a quebrar sob o peso da entidade.

*— Você trouxe... isso?!* — disse Drakom, surpreso — e, pela primeira vez, com medo.

Masuke apontou a foice para ele. Mr. Morte, atrás, replicou o gesto.

*— Essa armadura dourada é bonita, Drakom. Mas mesmo o ouro... apodrece.*

A entidade da Morte ergueu o braço.

E o campo inteiro afundou em trevas líquidas, como se os dois estivessem agora dentro de uma alma prestes a morrer.

Drakom gritou e ativou tudo o que tinha:

*— RUGIDO DO DRAGÃO VERMELHO!*

Uma onda de fogo sônico e explosivo saiu de sua boca, abrindo caminho no campo.

Masuke não se moveu.

Ele encarou Drakom diretamente com os olhos do Masurengan abertos ao máximo.

E disse uma única palavra:

*— Loop.*

Os olhos de Drakom se arregalaram mais uma vez.

E então... ele morreu.

De novo.

E de novo.

E de novo.

Num ciclo eterno onde cada morte doía mais que a anterior. Onde o fogo que ele próprio lançava o consumia. Onde suas escamas não protegiam. Onde Mr. Morte estava sempre lá, assistindo. E Masuke... também.

Drakom caiu de joelhos, sangrando dos olhos, a couraça dourada rachada, ofegante.

Masuke caminhou lentamente até ele.

*— Você carrega um nome nobre, filho de Slade. Mas este mundo não precisa de nobres. Precisa de um soberano... que todos temam.*

Ergueu a foice.

*— E esse soberano... sou eu.*

*— GRRRR... MASUREN!!* — bradou Masuke, seu corpo explodindo em eletricidade sombria.

Raios negros com contornos púrpuras percorriam sua pele como serpentes famintas. A energia que emanava dele fazia o chão rachar a cada passo, e o ar crepitava com um som distorcido, como se o próprio mundo estivesse em curto-circuito.

*— Tolo! Ninguém jamais atravessou minha Proteção dos Dragões! —* zombou Drakom, com os braços abertos, envoltos pela armadura dourada dracônica.

Mas, então, algo aconteceu.

Um estalo.

Um trinco.

A primeira rachadura surgiu no peito da couraça, como se a própria luz tivesse sido corrompida. E logo depois...

*CRAAAAACK!!!*

A Proteção dos Dragões despedaçou em mil fragmentos reluzentes, lançados ao vento como folhas em uma tempestade de escuridão.

*— Como?!* — gritou Drakom, o rosto banhado em suor e incredulidade.

Masuke avançou sem dizer palavra, empunhando com as duas mãos a Foice de Mr. Morte. A arma negra pulsava como um coração do submundo, sedenta por almas e sangue.

*— Nenhuma armadura resiste... há Foice da Morte. — Declarou, frio como gelo eterno.*

Drakom cambaleou, sem fôlego, o peito nu marcado pelas chamas de sua própria explosão.

*— Droga...* — rosnou, com as pupilas dracônicas dilatadas, o corpo no limite.

Mas ainda havia uma carta. Seu instinto ancestral o impulsionou.

*— MAKING!!*

Mais uma vez ele desapareceu, fugindo como um raio entre as dimensões.

Mas Masuke já havia previsto.

Seus olhos, o Masurengan, se estreitaram, focando a dobra no espaço, detectando a aura como se cheirasse o medo.

*— De novo? Já disse que isso não vai funcionar!*

Ele girou no mesmo instante em que Drakom reapareceu atrás dele, como um reflexo distorcido.

*— E aí? —* provocou Drakom, tentando esconder o cansaço, tentando manter a ilusão de controle.

Masuke se virou. E naquele instante, seus olhos se abriram completamente.

Não apenas como um olhar mortal.

Mas como algo além da compreensão humana.

— MASURENGAN.

O mundo escureceu por um momento.

Não como se a luz tivesse sido apagada, mas como se tudo tivesse sido engolido por um abismo.

Drakom sentiu o sangue gelar.

Seu corpo, por um instante, não respondia.

*— Q-que tipo de olho... é esse?!* — gritou ele, a voz trêmula, engolida por um sussurro de morte.

E então ele viu.

Sua pele queimando em fogo negro.

Suas asas despedaçadas.

Suas próprias garras tentando arrancar os olhos para fugir da visão.

Uma... duas... mil mortes.

Um desespero repetido, distorcido, aumentado.

Drakom estava novamente dentro da ilusão do Masurengan, preso no loop da morte, mas desta vez... algo era diferente.

Mr. Morte apareceu diante dele.

E falou.

*— Você viu sua morte... muitas vezes, filho de Dragon Slade. Mas agora... verá o futuro que tentou evitar.*

Drakom viu algo novo.

Um trono em ruínas.

O corpo de seu pai, Dragon Slade, caído.

E Masuke... sentado no trono dos dragões.

Ele gritou, dessa vez com terror real, não da morte, mas do futuro inevitável.

De volta à realidade, Masuke o segurava pelo pescoço, olhos em brasas roxas.

*— Agora você entende.*

*— Você perdeu.*

Mas naquele instante... um tremor profundo sacudiu o chão.

O céu rugiu.

E uma aura ancestral emergiu de dentro do corpo de Drakom, como um espírito adormecido despertando.

Uma voz ancestral ecoou nos céus:

"*Desperte, Drakom... Mostre-lhe o Fogo do Primeiro Dragão..."*

Os olhos de Drakom brilharam branco-puro, e uma cicatriz em forma de dragão surgiu em seu peito.

O chão explodiu sob seus pés.

Masuke recuou, surpreso pela primeira vez.

*— O que é isso...?*

Drakom ergueu os braços, a energia saindo como um furacão de luz.

A luz se condensou por um instante — e então explodiu em todas as direções.

Um clarão branco engoliu a clareira, como se o próprio céu tivesse descido à terra.

O tempo parou.

O som cessou.

Tudo virou silêncio.

Masuke tentou gritar, mas sua voz foi tragada pelo vazio.

Drakom flutuava no centro da luz, imóvel — olhos em branco, como se estivesse entre mundos.

E então, o mundo apagou...

...Três dias se passaram desde a batalha que quase quebrou os céus. A clareira onde Masuke e Drakom despertaram ainda carregava marcas da devastação — árvores calcinadas, solo rachado, e uma energia residual que fazia o ar vibrar como um nervo exposto.

O céu cinzento espelhava o cansaço dos dois guerreiros. Masuke estava sentado sobre uma rocha enegrecida, afiado como sempre, os olhos semicerrados. Drakom, deitado de costas no chão, sentia cada osso do corpo lembrar-lhe que estivera à beira da morte... ou talvez dentro dela.

Ambos acordaram ao mesmo tempo. Seus olhares se cruzaram.

Ali não havia gratidão.

Não havia trégua.

Apenas respeito. Forjado em ódio, forjado em fogo.

Drakom foi o primeiro a falar, sua voz ainda rouca:

*— Ei, Masuke...*

Masuke sequer virou o rosto.

*— O que foi?*

*— Você é forte...* — disse Drakom, engolindo o orgulho como quem engole brasas — posso me juntar a você?

O silêncio que seguiu foi cortante. Masuke levantou o olhar, frio como gelo ancestral. Seus olhos percorreram o corpo semidestruído do filho de Dragon Slade... e então assentiu levemente.

*— Faz tempo que deixei minha antiga Sociedade. Criei a minha própria. Só aceito guerreiros de verdade.*

Drakom se permitiu sorrir — não de alegria, mas de alívio. Pela primeira vez, não precisava fingir ser alguém que não era.

*— Eu também fugi da minha Sociedade. Meu pai ainda me trata como uma criança.*

Masuke arqueou uma sobrancelha, inquisitivo:

*— Mas você não é o príncipe dos dragões?*

Drakom bufou, como se cuspisse cinzas de uma herança que odiava.

*— Sou..., mas detesto esse título. Prefiro ser conhecido como “Domador de Dragões”.*

O silêncio se quebrou com uma risada breve de Masuke — não porque achasse engraçado, mas porque via ali uma fagulha semelhante à sua própria.

*— Então estamos de acordo.*

Masuke se levantou. A terra gemeu sob seus pés.

Seu manto negro ondulava ao vento, com as letras MDAL pulsando em energia sombria. A foice agora estava embainhada nas costas, mas sua presença era sentida como uma sombra que ninguém podia escapar.

Ele olhou o horizonte, onde montanhas se erguiam como presas contra o céu sangrento.

*— Estamos indo para o Norte. Há um posto da Ordem dos Sete Véus por lá... e eles possuem algo que me pertence.*

*— A Ordem?* — perguntou Drakom, ajustando os ombros como se estivesse pronto para lutar de novo. — Aqueles fanáticos com máscaras de espelho?

*— Exato.* — disse Masuke, com um meio-sorriso macabro. *— Eles têm o Espólio do Éter, o artefato que selaram do meu antigo clã. E eu... quero ele de volta.*

Drakom sentiu uma vibração estranha no ar ao ouvir esse nome. O Espólio do Éter era uma lenda entre os reinos mágicos. Diziam que quem o tocasse... controlaria o equilíbrio entre a vida e o vazio.

*— Isso é loucura.* — Murmurou.

Mas Masuke apenas respondeu:

*— Loucura é ser forte... e viver acorrentado.*

Drakom se ergueu, e seus olhos reluziram em fogo vivo. Atrás dele, cinco silhuetas começaram a surgir, como miragens: os Cinco Céus Dracônicos.

Mas dessa vez, eles estavam em paz. Não como armas, mas como guardiões. Os olhos dos dragões miravam Masuke com uma reverência silenciosa.

*— Eles... aceitaram você.* — disse Drakom, surpreso. *— Nunca vi isso acontecer.*

Masuke não respondeu. Apenas caminhou, com a certeza de quem sabe que o mundo ainda não viu o pior dele.

Drakom foi atrás, e juntos, eles desapareceram na neblina que rastejava como serpente sobre a terra enlutada.

Após horas de silêncio sob as estrelas, Masuke e Drakom compartilharam finalmente aquilo que jamais haviam contado a ninguém. As feridas que levavam não eram apenas de batalhas — eram cicatrizes de rejeição, ambição, orgulho ferido... e sede por mais.

Naquela noite fria, selaram uma aliança. Masuke deu um passo à frente, retirando algo de seu próprio peito: um tecido negro como breu, bordado com linhas etéreas que se moviam por conta própria — como se a própria sombra estivesse viva dentro dele.

*— Este é o Manto da Morte* — disse Masuke, estendendo-o com solenidade.

Drakom hesitou por um segundo, os olhos refletindo chamas passadas. Mas então, com reverência, vestiu-o.

Naquele momento, a energia ao redor estalou. Raios escuros cruzaram o céu como presságios. Drakom não era mais o príncipe exilado dos dragões. Agora, era algo novo.

Agora... ele era um guerreiro da Sociedade MDAL.

O céu chorava relâmpagos quando Masuke e Drakom chegaram ao Vale Sombrio de Elnar, um campo sagrado e amaldiçoado entre montanhas petrificadas. Ali, o tempo se comportava de forma anormal: um dia no mundo equivalia a um mês ali dentro.

*— Aqui começa o verdadeiro caminho da Morte.* — disse Masuke, parando no centro do vale.

Drakom olhou em volta. O ar era denso. Nenhuma folha se movia. O solo parecia respirar, pulsando levemente sob os pés.

*— É... opressivo.* — Murmurou ele.

Masuke ergueu o braço, e o chão se abriu num círculo rúnico negro, revelando uma escadaria que levava às entranhas do submundo.

— Vamos conhecer o mestre do vazio.

Primeiro Contato: Mr. Morte

No coração da cripta viva, uma entidade os aguardava — sentada num trono de espinhos feito de ossos esquecidos.

Mr. Morte.

Ele não falou. Apenas os olhou. E os viu por dentro — vasculhando seus medos, ambições, ódios e vergonhas. Eles sentiram como se tivessem sido despidos até a alma.

Masuke apenas o encarou.

Drakom hesitou, mas fez o mesmo.

A entidade então se levantou. Sua voz era um sussurro entre os mundos:

*— Se desejam poder... terão que morrer para tudo que foram.*

E o treinamento começou.

*Fase 1: Resistência Espiritual – O Olho do Abismo*

*Dia 1.*

Mr. Morte arrancou suas sombras — literalmente — e as jogou contra eles.

Cada um enfrentava uma cópia invertida de si mesmo:

Masuke lutava contra um Masuke insano, que gritava com olhos costurados.

Drakom enfrentava um Drakom arrogante, que devorava dragões para crescer.

Eles não podiam vencê-los com força.

Tinham que aceitar.

Integrar.

Dominar.

Foi no décimo terceiro dia, após 117 lutas e 4 desmaios fatais, que venceram suas sombras.

Mr. Morte então falou:

— Agora, vocês deixaram de ser aprendizes... e se tornaram discípulos da escuridão consciente.

*Fase 2: Corpo – A Dança do Inferno*

Sob gravidade multiplicada por 10, sem comida, sem descanso, Mr. Morte os fez lutar um contra o outro por 48 horas contínuas.

Sem armas.

Sem poderes.

Apenas mãos, instinto, ódio e respeito.

Drakom sangrava pela boca. Masuke havia deslocado o ombro três vezes. Ambos aprenderam a lutar com o ambiente, com o som do inimigo, com o cheiro da energia.

*— Lutar não é sobre força. É sobre silêncio. É sobre matar antes que o outro perceba que está vivo*. — disse Mr. Morte, enquanto assistia do alto.

*Fase 3: Armas – A Forja de Almas*

No 30º dia, Masuke foi levado a um altar. Ali, Mr. Morte o guiou a mergulhar sua própria alma na escuridão. Literalmente.

Uma lâmina de foice surgiu do seu peito — feita de suas dores, lembranças e promessas.

A Foice de Mr. Morte, versão Selada.

Drakom, por sua vez, não usaria armas comuns. Ele domou o Dragão do Metal Vivo, uma criatura que o perseguiu por três dias e noites nas Cavernas de Vurn.

Quando o domou, ela se fundiu ao seu braço, formando uma arma simbiótica que se moldava conforme seu poder.

*— Agora sim... vocês são armas.* — Declarou Mr. Morte.

*Fase Final: Sincronia de Almas*

Mr. Morte os levou para o Espelho do Inverso: uma dimensão onde o tempo corre para trás.

Lá, se enfrentaram como inimigos.

Cada ataque era real.

Cada ferida doía.

Cada morte... reiniciava o ciclo.

Foram 999 mortes.

Cada uma mais violenta que a anterior.

Masuke já sabia o que Drakom faria antes dele pensar.

Drakom sentia o movimento da foice pelo ar, mesmo de olhos fechados.

*— Vocês agora são mais que aliados*. — disse Mr. Morte, quando emergiram do espelho.

— São sombras gêmeas. Reflexos da destruição ordenada. Ecos da vingança inevitável.

*O Batismo*

Mr. Morte então ergueu os dois por feixes de trevas.

*— Drakom... você não é mais o Príncipe dos Dragões.*

*— Você é agora o Dragão da Morte.*

Sua nova capa da Morte foi costurada com sangue de sombra e escamas da dimensão de Dirthal. Nela, um brasão surgiu: um dragão com olhos ocos e asas de foice.

Masuke olhou e sorriu pela primeira vez em semanas.

*— Agora sim... está digno.*

*Conclusão do Treinamento*

Mr. Morte ergueu sua foice, e os selos ancestrais da Sociedade MDAL se gravaram nos céus.

*— Vocês estão prontos.*

As montanhas estremeceram.

E os céus... escureceram, como se o mundo temesse os dois que dele surgiriam.

*Quatro Meses Depois...*

O campo de treinamento de Masuke era um vale escondido entre montanhas mortas, onde a gravidade oscilava e o tempo parecia derreter. Nenhuma criatura viva ousava entrar. Nenhuma alma saía a mesma.

Ali, Masuke e Drakom se enfrentaram centenas de vezes. Quebraram rochas, moldaram relâmpagos, gritaram feitiços proibidos até suas gargantas sangrarem. Dormiram de pé. Lutaram dormindo.

E quando não podiam mais mover os corpos...

Treinavam com a alma.

**[No alto de um penhasco envolto por tempestade, após um novo treinamento brutal na cripta de Mr. Morte]**

**Masuke:**  
(*frio, olhando o horizonte*)  
*— Quero saber de uma coisa, Drakom...*

**Drakom:**  
(*limpando o sangue da boca, respirando fundo*)  
*— Fala...*

**Masuke:**  
(*vira-se lentamente, olhos semicerrados, com o brilho roxo do Masurengan*)  
*— Na nossa primeira luta...  
Você esteve preso na minha ilusão.  
A Dimensão da Morte.  
Você morreu mil vezes lá... e mesmo assim, saiu.*

(*pausa*)  
*— Como?*

**Drakom:**  
(*fica em silêncio por alguns segundos, encarando o chão*)  
*— Achei que você soubesse. Achei que fosse parte do seu plano...*

**Masuke:**  
*— Não.  
Ninguém jamais escapou daquilo.*

**Drakom:**  
(*olha para o céu carregado, onde os relâmpagos dançam em silêncio*)  
*— No começo... eu enlouqueci.  
A cada morte, uma parte minha quebrava.  
Senti minhas asas arderem, minha pele derreter, minha mente se despedaçar.  
Mas foi na milésima morte...  
Que eu aceitei.*

**Masuke:**  
*— Aceitou o quê?*

**Drakom:**  
(*olha diretamente para ele, olhos brilhando em branco sutil*)  
*— Que eu precisava morrer.  
Não fisicamente. Mas morrer como o príncipe. Como herdeiro. Como filho de Slade.  
Só quando eu aceitei minha morte... foi que eu renasci.  
Como o Dragão da Morte.*

(*pausa tensa, o vento para de soprar*)  
*— Seu olho me mostrou o fim, Masuke.  
Mas no fim... eu encontrei um começo.*

**Masuke:**  
(*os olhos do Masurengan tremeluzem, pensativo*)  
*— Você quebrou a lógica da minha técnica com... vontade?*

**Drakom:**  
*— Não foi vontade. Foi renúncia.  
A morte só prende quem ainda tem algo a perder.*

(*olha fixamente para Masuke*)  
*— Naquele momento... eu não tinha mais nada.  
Nem nome. Nem legado.  
Só ódio.  
E isso... não morre.*

**Masuke:**  
(*em silêncio por longos segundos, depois cruza os braços*)  
*— Tsc... interessante.*

(*um leve sorriso de canto, quase imperceptível*)  
*— Talvez você mereça mesmo vestir o manto.*

**Drakom:**  
(*vira o rosto, mas sorri de canto também*)  
*— Já era hora de admitir.*

**Masuke:**  
(*olhos sérios novamente*)  
*— Mas saiba de uma coisa...  
Se você conseguir sair da minha ilusão uma segunda vez...  
Prometo que será a última.*

**Drakom:**  
*— Então vou garantir que não precise ser uma terceira.*

(*e os dois caminham em silêncio, lado a lado, rumo à próxima guerra*)

*— Invocação das Trevas!* — bradou Masuke, com uma voz que sacudiu as nuvens.

Do círculo de runas negras no chão, a terra gritou.

E então ele surgiu.

Mr. Morte.

A entidade ancestral se ergueu entre as rachaduras como uma sombra viva. Seus olhos eram buracos negros. Sua foice, maior que qualquer montanha, era envolta em murmúrios de almas perdidas. Ele os observou... e sorriu. Um sorriso frio como o fim.

*— Estamos prontos para lutar, Mr. Morte.* — disse Masuke, firme, sua voz reverberando como um trovão contido.

Drakom estava ao seu lado, o novo manto ondulando como chamas negras. Seus olhos brilhavam com o fogo do renascimento e a escuridão do juramento.

Mr. Morte os fitou em silêncio por um longo instante. Então, falou:

*— Invadam a Sociedade Phenix!*

*— Tragam para mim... o Livro de Félix. O Herdeiro das Chamas de Ouro.*

O vento soprou mais forte. O céu se fechou sobre suas cabeças. O nome daquela sociedade reverberava como uma maldição antiga.

*PHENIX.*

*A sociedade que Masuke abandonara.*

*A que ousara selar sua ascensão.*

*A que o chamou de aberração... e depois suplicou por piedade.*

Masuke apertou os punhos. O Masurengan brilhou com uma centelha de fúria contida.

*— Chegou a hora de acertar contas.*

Ele vestiu seu manto, agora com uma nova insígnia: duas foices cruzadas, unidas por um círculo quebrado — símbolo da morte liberta.

Drakom ajustou sua capa da Morte, a armadura escamosa sob ela reluzindo em dourado sombrio. Seus olhos reptilianos se voltaram para o norte.

*— Vamos ver se o herdeiro das chamas ainda consegue queimar... quando for envolto por trevas eternas.* — Murmurou.

*— Vamos, Drakom.* — disse Masuke, e seus passos fizeram o solo estremecer.

***Durante o Trajeto após a audiência com Mr. Morte. Ambos caminham em silêncio por um corredor escuro, rumo à plataforma de translado.***

**Drakom** (voz baixa, ainda irritado):  
*— Phelix, hein? O último reduto dos vivos. Achei que só entraria lá de caixão fechado.*

**Masuke** (sorrindo sem virar o rosto):  
*— Ainda pode ser o caso.*

*(Drakom não responde de imediato. O som das botas ecoa nas pedras frias. Ele observa Masuke de lado.)*

**Drakom**:  
*— Na audiência… você mencionou o Espólio do Éter.*

*(Pausa. Masuke para brevemente.)*  
*— Nunca ouvi esse nome antes. Mas ele te incomoda. Por quê?*

**Masuke** (olhando adiante de novo):  
*— Não te ensinaram isso no Abismo do Norte?*

**Drakom**:  
*— Não. Lá só falamos de ossos, sombras… e de como morrer sem fazer barulho.*

**Masuke** (murmurando):  
*— O Espólio do Éter é… o que resta quando uma realidade inteira morre. Não só uma pessoa, ou um mundo. Uma ideia. Um propósito. Um deus.*

**Drakom**:  
*— E o que isso tem a ver contigo?*

**Masuke** (parando de andar, agora olhando para Drakom):  
*— O Espólio não é um lugar. É uma cicatriz. E eu estive nela.*

**Drakom** (sem esconder o incômodo):  
*— É por isso que tua áurea fede a fim de mundo.*

**Masuke** (sorri, mas os olhos não):  
*— Talvez. Mas o Espólio não é teu problema, Drakom. Não ainda.*

*(O silêncio volta. Eles retomam a caminhada. Ao longe, o portal de translado pulsa em azul pálido. A missão os espera.)*

Na Entrada da Sociedade *PHENIX.*

Os portões eram gigantescos, cravados com símbolos de fogo eterno. Um calor ancestral saía deles como respiração de um deus adormecido.

Mas à frente dos portões... estava ele.

O Espírito Guardião de *PHENIX*.

Uma figura que não podia ser identificada devido a neblina que estava em volta da entrada, como se ele mesmo estivesse manipulando o tempo.

*— Vocês não passarão daqui.* — Sua voz ecoou como trombetas do fim do mundo.

O céu atrás dele se incendiou. As nuvens tornaram-se brasas vivas.

Masuke sorriu. Não de arrogância..., mas de antecipação.

Drakom deu um passo à frente, ativando seus círculos dracônicos.

*— Que comece o incêndio.*

Continua...